

NARRATIVAS AFEMINADAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE CORPO, GÊNERO E ABJEÇÃO

Murillo Nascimento Nonato¹

Resumo: Nesta pesquisa abordo a forma com que as pessoas afeminadas, sujeitos considerados como homens no momento do nascimento, constroem seus corpos a partir do embaralhamento das normas de gênero prescritas para o masculino e para o feminino. Para perscrutar os meandros da construção desses corpos, mergulho nas narrativas de vida de três pessoas que se identificam como pessoas afeminadas, moradoras da cidade de Salvador, para entender como o gênero, o corpo e a aparência perpassam as suas histórias de vida e lhes determinam um (não) lugar na sociedade. Aponto nesse trabalho que a performance das pessoas afeminadas possuem a potência de borrar os limites impostos ao gênero e de questionar os parâmetros estabelecidos para a cisheteronormatividade. Além disso, afirmo que essas pessoas experimentam a ambiguidade em suas performances de gênero como um marcador social da diferença. A relação com a diferença construída pelas pessoas afeminadas está refletida nas experiências de vida marcadas pela violência que, por consequência, relegam esses sujeitos ao domínio do abjeto. Afirmo através das análises que as referidas violências são mecanismos utilizados na tentativa de corrigir os corpos dissidentes das pessoas afeminadas para que esses se conformem aos paradigmas da matriz cultural do gênero. O processo disciplinador supracitado tem por objetivo legitimar a organização social vigente e legitimar a cisheteronormatividade.

Palavras-chave: gênero, corpo, dissidência, pessoas afeminadas.

1 INTRODUÇÃO

Ao anoitecer, enquanto caminhava pelas ruas vazias do Campo da Pólvora, na cidade de Salvador, Tainan viu dois homens se aproximarem na garupa de uma moto. Amedrontado, temendo ser assaltado, segurou a bolsa com força e aguardou os motoqueiros fazerem a abordagem. Diferente do que imaginava, os motoqueiros, ao lhe alcançarem, iniciaram uma série de ataques verbais em torno da sua aparência feminina e em relação a sua suposta sexualidade, mas se foram sem levar nada. Alex, por sua vez, se encontrava em um ponto de ônibus próximo da sua casa, junto a uma sinaleira, quando viu um homem, na janela de um ônibus que estava parado no sinal vermelho, fazendo movimentos espalhafatosos com as mãos enquanto ria. Não demorou muito para perceber que o homem o imitava, também em resposta à sua aparência feminina.

¹ Mestre pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. E-mail: nonato.murillo@gmail.com

As violências acima descritas, relatadas por Tainan e Alex, sujeitos dessa pesquisa, ilustram reações comuns das pessoas diante dos corpos das pessoas afeminadas.

As pessoas afeminadas são vistas, frequentemente, no imaginário popular, como sujeitos que incorporam uma masculinidade defeituosa e, não raro, ao caminhar pelas ruas, geram pane nos esquemas mentais dos outros sujeitos porque impossibilitam uma identificação automática de sua performance dentro do binarismo de gênero. Essa confusão é provocada pelo fato de as pessoas afeminadas reproduzirem, em seus corpos, comportamentos femininos e masculinos que ocasionam, no olhar do outro, a sensação de incerteza e desacordo com as normas.

Nessa pesquisa proponho que as pessoas afeminadas sejam compreendidas como sujeitos que são identificados como homens no momento do nascimento, mas que não cumprem com as expectativas socialmente estabelecidas para o gênero masculino, construindo seus corpos de maneira ambígua. Aponto nesse estudo que as pessoas afeminadas, dada a maneira com que apresentam seus corpos ao mundo e o estranhamento que eles provocam, incorporam as normas de gênero de maneira alternativa.

A pesquisa se desenvolveu a partir da desconfiança de que as pessoas afeminadas possuiriam a potência de se situar no limite da definição entre o masculino e feminino ao embaralhar as características que supostamente definiriam ambos os gêneros, confundindo-as na materialidade de seus corpos e em suas subjetividades. Assim sendo, as pessoas afeminadas poderiam nos auxiliar, a partir desses deslocamentos que potencialmente promovem em seus corpos e na maneira com que se apresentam na sociedade, a questionar os parâmetros estabelecidos para a cisheteronormatividade. A cisheteronormatividade aqui é compreendida, a partir das reflexões teóricas realizadas por Vergueiro (2015), como um conjunto de normas que operam com o intuito de coagir os corpos a se enquadrarem dentro dos paradigmas da matriz cultural do gênero analisada por Butler (2012).

O estudo dessas experiências afeminadas também foi realizado com o intuito de nos oferecer ferramentas para refletir sobre a forma com que os discursos formados em torno da sexualidade e do gênero, perpassada pela lógica cisheteronormativa, organizam o contexto social em que vivemos, bem como atribuem às pessoas afeminadas um (não) local no mundo, os caracterizando como seres abjetos.

Para realizar essa pesquisa mergulhei nas narrativas de vida de três pessoas que se identificavam como pessoas afeminadas, moradoras da cidade de Salvador, para entender como o gênero, o corpo e a aparência perpassam as suas vivências. Selecionei para participar da pesquisa Alex² (22), Tainan (23) e Andreas (21) e com essas pessoas me engajei em uma série de entrevistas. As pessoas colaboradoras eram estudantes universitárias em diversas áreas do ensino até o momento em que as entrevistas foram realizadas.

Para analisar essas experiências utilizei o método das narrativas de vida por esse possibilitar o estudo sobre um conjunto de pessoas que compartilham a mesma situação social. O método leva em conta a diversidade de sujeitos existentes na sociedade e foi formulado com a finalidade de buscar lógicas de funcionamento interiores aos mundos sociais (que se constroem em torno de uma atividade específica) e das categorias de situação (grupos que apresentam características específicas em comum) (BERTAUX, 2010, p. 25). Identifiquei que as pessoas afeminadas se encaixam na categoria de situação. Esses sujeitos podem ser enquadrados dessa maneira por compartilharem a desobediência às normas de gênero e processos semelhantes de marginalização social.

A narrativa de vida é, nessa pesquisa, seguindo os estudos de Christine Delory-Momberger (2008) e Daniel Bertaux (2010), considerada como um relato. O verbo “contar” é peça chave para compreendermos o seu sentido. Quando um sujeito conta algo para alguém, pesquisador ou não, ele está produzindo um relato, uma narrativa de vida. Descrever os contextos que permeiam a história, realizar avaliações, construir os personagens e refletir sobre as atitudes fazem parte desse ato de contar fragmentos da sua narrativa e produzir significado. É interessante alertar que o objetivo da narrativa não é obter a história do sujeito em sua totalidade, pois foca no fragmento de vida do sujeito que remete ao objetivo da pesquisa, nesse caso a experiência das pessoas afeminadas.

Para colher essas narrativas de vida das afeminadas, utilizei a técnica entrevista. Formulei inicialmente um conjunto de 26 perguntas geradas a partir da leitura da bibliografia. Essas questões não tiveram por objetivo servir enquanto questionário, apenas como um aparato para auxiliar as entrevistas. A entrevista, segundo a definição de Jovchelovitch e Bauer (2002), consiste em estimular o sujeito entrevistado a contar

² Para proteger a identidade das pessoas que aceitaram em colaborar com a pesquisa, os nomes aqui citados são fictícios.

experiências e trechos de sua vida focando no tema da pesquisa previamente estabelecido no momento da requisição da entrevista. Ou seja, funciona, dessa forma, como uma espécie de contrato entre pesquisador e pesquisado. O sujeito entrevistado terá a liberdade de abordar o assunto da maneira que melhor lhe couber, respeitando ou não sua cronologia e adicionando os elementos que julgar interessantes.

As narrativas de vida foram analisadas e tencionadas a partir das experiências mesmas das próprias pessoas afeminadas e nelas busquei entender de que forma emerge o corpo nos discursos formulados por elas, quais significados eram atribuídos a esses corpos e como as categorias masculino e feminino surgiam em suas narrativas em relação a esses corpos. Por meio das narrativas busquei compreender também como em diferentes etapas da vida desses sujeitos esses corpos foram interpelados pelas pessoas ao redor, seja nos espaços públicos ou privados, e de que forma essas interpelações interferiam na construção do corpo e da subjetividade das pessoas afeminadas envolvidas na pesquisa.

Busquei analisar comparativamente tais narrativas para entender também quais seriam os pontos de encontro e desencontro das mesmas, bem como para tentar compreender o conjunto de relações e diferenças existentes nesses relatos particulares, tentando, assim, fazer emergir do particular o geral dentro dessa mesma categoria de situação.

2 PENSANDO GÊNERO, ABJEÇÃO E CORPO NA PERFORMANCE DAS PESSOAS AFEMINADAS

Butler (2012) afirma que não existe uma essência do gênero. De acordo com a autora, o gênero é, na verdade, um fenômeno que está atrelado a um espaço-tempo. Em vez de assumir o gênero como reflexo de uma substância do ser, a autora busca entender como ele é instrumentalizado para atuar como mecanismo de normatização dos sujeitos e como os discursos em torno do gênero criam práticas que o sistematizam e o revestem com a capa da naturalidade. Conforme aponta Butler (2012), os efeitos de naturalidade do gênero são fabricados na superfície dos nossos corpos através de atos e gestos que se repetem e nos estimulam a enxergar a naturalização da identidade como causa e não como efeito. Esses gestos e atos são performativos por serem socialmente mantidos a partir de produções discursivas e por não fazerem referência a um modelo original.

Butler (1993) aponta que para se manter a ordem social vigente, os atos performativos que forjam o gênero necessitam legitimar a heterossexualidade como natural. Dessa forma, citar e repetir as normas se torna sinônimo de rejeitar as performances compreendidas como abjetas. Em Butler (1993), o abjeto é compreendido como o sujeito que permeia os espaços "não habitáveis" da vida social, são ininteligíveis, desprezíveis e sua existência não é legitimada. Entretanto, nesse sistema há falhas que fazem com que essa repetição se torne frágil diante das existências questionadoras das próprias performances repudiadas.

A performatividade em Butler possui caráter regulador e proibitivo, mas Butler (2012) aponta que, de maneira contraditória, a proibição tem o efeito indesejado de proliferar aquilo que deseja proibir abrindo a possibilidade para o surgimento de contestações e resistências. Esses seres abjetos costuram suas performances a partir dos quadros regulatórios do gênero e, por isso, possuem a potência de ressurgir no seio social carregando em si a possibilidade de rearticular subversivamente as normas e as identidades instituídas ao questionar a matriz cultural do gênero (BUTLER, 1993).

Apontamos que as pessoas afeminadas são seres abjetos que surgem por meio das brechas existentes dentro do próprio processo performativo ao citar e repetir os atos e gestos que constituem o gênero de maneira incongruente. Compreendemos as pessoas afeminadas como sujeitos lidos como homens no momento do seu nascimento, mas que não cumprem com as expectativas socialmente estabelecidas para a masculinidade. Esses sujeitos, no entanto, não a rechaçam ou a negam completamente e reproduzem, concomitantemente, comportamentos associados ao feminino. A performance afeminada é costurada por meio de retalhos dos códigos de gênero já prescritos e que provocam, no olhar do outro, a sensação de incerteza, imprecisão, dúvida ou indecisão. A pessoa afeminada constitui-se, portanto, a partir da ambiguidade e, por isso, é relegado ao domínio do abjeto.

3 CORPOS AMBÍGUOS, ROMPIMENTOS COM O BINÁRIO DE GÊNERO E DESAFIOS ÀS NORMAS A PARTIR DAS NARRATIVAS AFEMINADAS

Halberstam (1998) aponta que, apesar dos esforços feministas e queer em rearticular os significados da sexualidade e do gênero, permanecemos organizando nossas existências na cultura a partir de um regime heteronormativo. O autor aponta que

um número expressivo de mulheres e homens se sentem atualmente mais encorajados a tencionar os limites da feminilidade e da masculinidade, porém os efeitos desses atos de desobediência às normas não foram suficientes para desestabilizar totalmente o sistema. Nós ainda prescrevemos comportamentos específicos para meninos e meninas de maneira consistente e restritiva, o que reforça o binarismo de gênero. O autor afirma que essa prática regulatória rechaça as performances de pessoas que não podem ser claramente identificadas dentro dessa dicotomia.

Halberstam (1998) ressalta que o gênero na história recente foi determinado a partir da criação de anomalias por meio das ciências médicas e “psi” (psiquiatria, psicologia e psicanálise). Além disso, o pesquisador destaca ainda que “[...] para os gêneros dissidentes, sua dobra do gênero é lida frequentemente como o sinal exterior de uma sexualidade aberrante”³ (HALBERSTAM, 1998, p. 119, tradução nossa). Conforme afirma o autor, essa prática de sexualização compulsória das performatividades de gênero exclui qualquer possibilidade de reconhecimento dos “gêneros pervertidos”, aqueles gêneros que não podem ser claramente identificados como masculino ou feminino ou até mesmo uma combinação dos dois.

A feminilidade no corpo dito masculino é interpretada, geralmente, na atualidade, como uma expressão da homossexualidade. O ato de apresentar características estereotipicamente associadas ao feminino, como desmunhecar, rebolar os quadris, emitir voz fina, utilizar peças de vestimenta e adereços “de mulher”, entre outras, são identificados, para utilizar os termos de Halberstam (1998), como “o sinal exterior de uma sexualidade aberrante” e não de um gênero no imaginário popular. Na própria epistemologia recente construída pelos estudos sobre a sexualidade e o gênero, essa relação é reproduzida sem se considerar a sua complexidade. Como afirmou o autor, a sexualização das performatividades de gênero é uma prática recorrente, mas a história mostra que tal associação de causa e efeito entre homossexualidade e feminilidade é recente e não é natural.

Essa redução simplista lançou uma sombra sobre as particularidades inerentes a expressão da feminilidade no corpo dito masculino, impossibilitando que seus meandros fossem perscrutados e que tais performance fossem encaradas como variáveis das expressões dos gêneros ou como potentes para romper as normas impostas.

³ “[...] for gender outlaws, their gender bending is often read as the outward sign of an aberrant sexuality”.

Um dos intuitos dessa pesquisa é justamente o de estabelecer uma tensão na associação entre homossexualidade e feminilidade no corpo dito masculino que, segundo Messias (2012), permaneceu incoerente durante e depois do surgimento da categoria homossexual no século XIX. Tais inquietações me levaram a refletir sobre as performatividades de gênero das pessoas afeminadas, porém mais interessado em analisá-las a partir do seu próprio desvio de gênero e realizando uma crítica ao processo de sexualização compulsória desses sujeitos.

O trânsito das pessoas afeminadas entre os códigos binários da masculinidade e da feminilidade torna sua definição/compreensão um movimento complexo diante da estrutura binária cisheteronormativa. A referida estrutura molda os nossos esquemas de pensamento e nos disciplina a buscar, compulsoriamente nos sujeitos pistas que permitam localizá-los dentro das categorias dominantes. Como consequência desses atos disciplinares, perdemos a capacidade de enxergar as performances que se encontram no limite das definições do masculino e feminino, ou seja, de enxergar a incomensurável variabilidade das identificações de gênero existentes. Perceber a performance do outro para além do binário e as microfissuras que essas performances podem provocar nesse esquema passa pelo doloroso (ou prazeroso) exercício de se permitir enxergar para além dos limites traçados.

Ao questionarmos o esquema binário, podemos compreender melhor a possibilidade da existência de sujeitos, a exemplo das pessoas afeminadas dessa pesquisa, que possuem pênis (atribuído ao corpo masculino), mas que transitam entre a masculinidade e a feminilidade (de maneira bastante assimétrica/desigual entre os sujeitos), escapando ao essencialismo biologizante. Esse trânsito da performance de gênero entre a feminilidade e a masculinidade das pessoas afeminadas pode ser ilustrado pelas narrativas de vida de Tainan e Andreas, duas pessoas colaboradoras desta pesquisa:

TAINAN - Eu posso acordar hoje mais feminina, botar um rímel, uma sainha, uma melissa, um *cropped* e ir bem tranquila para a faculdade, bem fina. E outro dia, sei lá... eu posso acordar mais séria e botar uma bermuda, um sapatênis e chegar lá mais hominho. Outro dia eu vou misturar tudo. Sei lá, eu acho que vai depender do meu humor, da minha vontade de me arrumar, para onde eu vou.

ANDREAS - Às vezes rola de povo me tratar no feminino e eu dou risada, né? É principalmente no telefone por conta da minha voz que é fininha mesmo. As atendentes, assim, de telefone, geralmente vêm tudo com

“senhora”. Eu mio (risada), como as bichas diz. [...] Mas já aconteceu de eu entrar em algum lugar “montada” e ser tratado de “ela”.

Um dos pilares de sustentação da cisheteronormatividade, como já foi posto, é a matriz das normas de gênero coerentes (BUTLER, 2012). Se a coerência do sujeito é constituída a partir da exigência de continuidade entre sexo, gênero, desejo e prática sexual, observamos que os relatos demonstram uma desobediência em relação a primeira metade dessa linha que se pretende coerente. As pessoas afeminadas aqui apresentadas são sujeitos nascidos com pênis e, portanto, deveriam se identificar como homens e refletirem as expectativas sociais para a masculinidade. No entanto, Tainan e Andreas não espelham a masculinidade ou apresentam estritamente um conjunto de atributos associados aos meninos e homens. As narrativas reproduzidas neste texto, ao contrário, dão mostras de como as pessoas afeminadas articulam formas outras de se apresentar diante da cultura que não podem ser facilmente classificadas dentro dos gêneros dominantes.

Tainan ilustra como as pessoas afeminadas constroem a sua aparência a partir de códigos tanto associados com a masculinidade quanto com a feminilidade, sem reivindicar para si nenhuma dessas categorias. Andreas expõe que o corpo das pessoas afeminadas, através dos maneirismos e da voz, pode produzir características femininas em um corpo cuja genitália dita masculina pressupõe o desenvolvimento de uma fisiologia e de um comportamento socialmente identificados como masculinos. Tanto Tainan quanto Andreas reforçam que a performance das pessoas afeminadas é como uma colcha de retalhos que vai se constituindo na medida em que uma delicada agulha perpassa os códigos de gênero, costurando-os até formar a sua extensa malha. Essa performance remendada se constitui em resistência e, a partir dos códigos de gênero prescritos, rompe com a produção de oposição entre o “feminino” e “masculino” e com a relação de decorrência entre o sexo e o gênero.

A binariedade cisheteronormativa determina que o sexo/gênero da pessoa seja reconhecido por meio de padrões objetivos que envolvem o corpo e o comportamento, desprezando a sua autopercepção. Essa norma pressupõe que os sujeitos carreguem em seus corpos sinais que deveriam nos permitir distinguir prontamente entre “homem” e “mulher”. Essas definições, no entanto, se apresentam muito mais labirínticas e subjetivas do que se supõe. As pessoas afeminadas, dada a sua performance ambígua,

oferecem desafios a tais padronizações e definições cisheteronormativas, pois seus corpos e os seus comportamentos não são facilmente identificados dentro do binário. Para colaborar com essa afirmação, Tainan e Alex compartilham, em suas narrativas, relatos de violências que vivenciaram por não serem instantaneamente identificados como homem ou como mulher.

TAINAN - [...] eu saí andando descendo lá perto do Campo da Pólvora sozinho, já era finalzinho de tarde, já tava ficando escuro, era quase de noite numa rua meio vazia. Aí tinha dois homens em uma moto e eles começaram a me acompanhar devagar. Eu achei que era assalto, já tinha apertado a minha bolsa, com o cu trancado já, e eles começaram a rir perguntando se eu gostava de homem, se eu gostava de rola, se eu era uma garotinha.

ALEX - Acho que rejeição familiar é o que mais dói. Toda hora me param para falar que eu sou um viadinho, que eu devia ser homem. Uó! A rejeição fica estampada na cara das pessoas, mas não se compara a rejeição da família. Lá em casa é briga o tempo todo porque eu me visto assim ou assado, porque eu falo assim ou assado, porque eu rebolo, porque eu danço, porque as pessoas da rua falam de mim e isso e aquilo... um saco.

ALEX - Teve um dia que eu estava voltando para casa e uma desgraça cuspiu em mim. Eu achei que um pombo tinha cagado em mim até que uma mulher veio me falar que foi o cara que cuspiu. Eu tenho ascendente em peixes, né? Eu não percebi na hora. Ela xingou ele e depois veio me contar. Também existem almas boas, né?

Os relatos nos ajudam a desmistificar os gêneros cisheteronormativos como uma verdade evidente e natural. As histórias apontam para o fato de que os gêneros e a maneira com que as pessoas se expressam são demasiadamente complexos para serem divididos em número de dois. As performances das pessoas afeminadas não fornecem respostas inequívocas em relação às diferenças de gênero como exigem os paradigmas da cisheteronormatividade. Pelo contrário, por não se encaixarem nos critérios prescritos, essas pessoas têm seus corpos violentados. Butler (2012, p. 39) afirma ainda que [...] a matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo.

As violências direcionadas aos corpos de Tainan e Alex nos permitem afirmar que as pessoas afeminadas têm o potencial de causar uma pane no esquema mental dos sujeitos ao não conseguirem categorizar imediatamente as pessoas afeminadas como “homem” ou como “mulher”. Ou seja, a partir das referências de gênero dominantes, que pressupõem a relação de decorrência entre sexo e gênero. Os critérios

classificatórios de masculinidade e de feminilidade disponíveis estão ali embaralhados naqueles corpos e, diante da impossibilidade de classificá-lo, se irrompe a necessidade de apagá-lo. Não é um homem e nem uma mulher, da maneira que deveria ser e se comportar um homem ou uma mulher cisheteronormativos, portanto, devem ser eliminados.

É interessante salientar que as violências direcionadas as pessoas afeminadas colaboradoras dessa pesquisa estão, sobretudo, relacionadas aos seus corpos, a maneira como utilizam as vestimentas, a maneira como se movem. Essa violência está relacionada a forma com que seus corpos são identificados como estranhos, fora do binário. Apesar da homossexualidade estar associada à figura da pessoas afeminadas (suas sexualidades não devem ser reduzidas a homossexualidade), me parece urgente percebermos que suas narrativas são primordialmente atravessadas pelas rupturas com as normas de gênero. Esses sujeitos são violentados, não necessariamente, por assumirem publicamente sexualidades dissidentes, por beijarem homens nas ruas ou por realizarem qualquer outra prática homossexual em público. Esses sujeitos são violentos, simplesmente, por flanarem pelos espaços públicos e privados exibindo um corpo que não se adequa às normas.

4 CONCLUSÃO

A partir das narrativas de Alex, Tainan e Andreas, aqui analisadas, podemos inferir que as pessoas afeminadas possuem a potência de desestabilizar, em alguma medida, a matriz cultural do gênero ao se contrapor à lógica binária que implica que um sujeito que nasce com um pênis deva ser entender como masculino e agir de maneira masculina, respeitando as expectativas sociais impostas para os sujeitos masculinos. As narrativas levantadas apontam para as possibilidades de existir e de resistir na e pela feminilidade em um corpo associado pelo imaginário social ao masculino, mas que foge das normas de gênero ao flertar com a ambiguidade e ao embaralhar os pressupostos da cisheteronormatividade.

As pessoas afeminadas colaboradoras da pesquisa, através das suas histórias, apresentam um rompimento com os ditames socialmente construídos sobre seus corpos e, como quem costura uma colcha de retalhos, fragmentam as características do gênero e os (des)reorganizam em seu corpo formando a sua performance ambígua e não-

binária. Essa desobediência, no entanto, como foi relatado ao longo do texto, ocasiona constantes violências perpetradas na direção dos corpos desses sujeitos. Essas violências têm por objetivo enquadrá-los e formatá-los de acordo com as normas de gênero vigentes ou operam como uma tentativa de apagar esse sujeito como uma maneira de legitimar a heterossexualidade como natural. A norma reforça as pessoas afeminadas como sujeitos abjetos, ou seja, uma vivida que não deve ser vivida e, portanto, deve ser eliminada, desprezada e deslegitimada. As narrativas de Alex, Tainan e Andreas permitem afirmar que a maneira com que as pessoas afeminadas constroem seus corpos a partir da forma com que se vestem, se movimentam, entre outras características, relegam tais sujeitos a um lugar de abjeção e de exclusão.

BIBLIOGRAFIA

BERTAUX, Daniel. Narrativa de vida: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN, 2010.

BUTLER, J. Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. Undoing Gender. Nova York e Londres: Routledge, 2004.

_____. Bodies that matter: on the discursive limits of sex. Nova York e Londres: Routledge, 1993.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e Educação: figuras do indivíduo projeto. Natal: EDUFRN, 2010.

JOVCHELOVITCH, S; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HALPERIN, D. How to Do the History of Homosexuality. Chicago e Londres: Editora da Universidade de Chicago, 2002.

HALBERSTAM, J. Female. Masculinity. Durham: Duke University Press, 1998.

MESSIAS, L. Towards a New Sissiology: The Sissy in Body, Abuse and Space in Performance Practice. 2012. 213. Tese de doutorado. The Central School of Speech and Drama University of London – Londres, 2012.

NONATO, M. Problemas de gênero dxs afeminadxs. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VERGUEIRO, V. A cisgeneridade. In: Por inflexões decoloniais de corpos e identidades degênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015, pp. 43-71. Disponível em <<https://goo.gl/16C2G9>>.